

Artigo: Quando os poderes já não podem

A Justiça passou pelo vexame de ver uma ordem sua ignorada

Eugênio Bucci*

07/04/2018 - 03:30 / 07/04/2018 - 03:31



Manifestantes fazem cerco ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Foto: Nelson Antoine / AP

RIO — Na quinta-feira, o Poder Judiciário expediu uma ordem e, na sexta, não deu conta de fazer com que sua ordem fosse cumprida. Na quinta-feira, o juiz Sergio Moro decretou a prisão do ex-presidente Lula, dando a ele um prazo para que se entregasse voluntariamente. Na sexta-feira, às 17h, o prazo expirou, e Lula nem aí.

Ou logo ali. Lula se hospedou na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, para onde escorreu um rio caudaloso de bandeiras vermelhas. À frente do prédio, oradores bradavam palavras de ordem. “Marisa, guerreira, da Pátria brasileira”, “Lula livre”, “Não vai prender”, “Não tem arrego”. A massa exultava. Lula acenou da janela do prédio, sorridente. Estava bem guardado, acolhido, homenageado pelos seus seguidores.

Na quinta-feira, o Poder Judiciário determinou o encarceramento. Ontem, a massa compacta que cercava o sindicato — um cordão de isolamento pelo avesso, feito de

carne, osso e gritos — impediu a execução da ordem judicial. A polícia se rendeu à impotência. Não tinha como enviar agentes armados, carros blindados, tanques, o que fosse, para capturar seu prisioneiro mais ilustre. Quem fosse tirar o ex-presidente daquele lugar provocaria uma batalha campal. Haveria mortes.

Na hora H, o Poder Judiciário brasileiro perdeu para o poder das ruas de São Bernardo. O juiz Sergio Moro, depois de despachar o mais impactante “teje preso” da história recente do Brasil, conheceu o vexame de ver seu decreto ignorado por um réu que parece maior do que a cela especial que montaram para recebê-lo em Curitiba.

Ontem, dia 6 de abril de 2018, a fissura mortal que transpassa o Brasil ficou escancarada. Contra o poder do Estado, outro poder se insurgiu. Justa ou arbitrária, formalista ou humanista, pouco importa, a mão do Poder Judiciário bateu contra um muro — um muro de gente fula da vida.

A pusilanimidade togada está nua. A mais ativa e competente magistratura também está. Talvez uma e outra se recomponham logo mais. Talvez Lula se entregue. Talvez surja aí outra versão de habeas corpus. Vai saber. A situação nacional se reduziu a uma roleta russa. Não faz diferença quem tem razão. Ninguém tem razão. Ontem ficou patente que os poderes do Estado, no Brasil, tão esnobes, podem menos que uma sede de sindicato.

**Eugênio Bucci é professor de Comunicação da USP*